

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

IV

JEAN BAPTISTE DEBRET

Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil

Tradução e notas de
SERGIO MILLIET
(da Academia Paulista de Letras)

TOMO II

(VOLUME III)



LIVRARIA MARTINS
Rua Quitanda, 22
São Paulo

atravessava a praça diagonalmente até a porta principal do palácio, ao lado da qual se haviam também reservado lugar para orquestra. O caminho, de oito a dez pés de largura, era tapessado em todo o seu comprimento e fechado de cada lado por muros de quatro pés de altura, cobertos de damasco carmesim e galões de ouro. De distância, em distância, havia postes sustentando lanternas que serviram para iluminar o caminho à volta do cortejo.

As cinco horas e meia o cortejo saíu da porta principal do palácio e seguiu pelo caminho preparado. Um grupo de cem guardas abria a marcha; vinham em seguida os maceiros, os passavantes, os camareiros-mores, todas as personagens marcantes do comércio, os empregados civis e militares, os oficiais da Casa Real; o Rei, com seus ministros, acompanhava o pátio sob o qual marchava a aia da princesa real com a criança nos braços, toda coberta de brocado vermelho e ouro; as varas do pátio eram sustentadas pelos oito primeiros nobres da Corte. Vinham em seguida o Príncipe Real com a Princesa Real à esquerda e o infante D. Miguel à direita, a Rainha, as Princesas e o seu séquito.

A criança foi batizada pelo bispo capelão-mor; o Rei e a Rainha serviram de padrinho e de madrinha, e o cortejo regressou ao palácio às nove horas da noite. O pórtico e o campanário da Capela Real estavam iluminados com lanternas; todas as janelas da praça ornamentadas com tapeçarias vermelhas e com lanternas estavam ocupadas por grande número de damas muito bem vestidas e quasi todas com toucados de penas brancas. As dez horas e um quarto, queimou-se o fogo de artifício que fora preparado no largo do Palácio perto do cais. As diferentes bandas militares tocavam alternadamente, o que dava ao ambiente um ar de festa e atraía para o largo do Palácio inúmeras pessoas.

Voltando para São Cristóvão, a família real percorreu a passo parte da cidade para ver as luminárias, algumas das quais enfeitadas com transparentes, outras mais numerosas sobrecarregadas de inscrições.

Assim se passou esse dia, que deu a essa princesa criança um nome tanto mais difícil de sustentar quanto muitas grandezas vieram ligar-se a elle sete anos mais tarde, sendo-lhe a dignidade real disputada e retirada pelo príncipe D. Miguel, seu tio, considerado desde então um usurpador do trono português, contra a vontade de D. Pedro que d'elle dispusera em benefício de sua herdeira presuntiva *D. Maria da Glória*.

ACLAMAÇÃO DE D. PEDRO, IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL

Tendo o Senado do Rio de Janeiro comunicado ao povo a necessidade de erigir o Reino em Império independente, afim de escapar ao domínio português, foi a sua resolução transmitida às províncias do interior que a ella aderiram por escrito; cada uma dessas províncias elegeu um procurador geral encarregado de trazer a determinação assinada de

todos os municípios respectivos e de as representar, pessoalmente, no Rio de Janeiro, por ocasião da aclamação solene do Imperador.

CERIMÔNIA DA ACLAMAÇÃO DE S. M. O PRÍNCIPE D. PEDRO, IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL, A 12 DE OUTUBRO DE 1822, NO RIO DE JANEIRO, CAPITAL DO IMPÉRIO.

Escolheu-se para a cerimônia da aclamação do Imperador o palacete situado no meio do Campo de Sant'Ana, erguido por ocasião das festas da aclamação de D. João VI. Foi elle reconstruído solidamente e dentro de um melhor estilo arquitetônico, conservando-se apenas uma varanda para o lado sul. A parte interna foi decorada com pinturas de acôrdo com o fim visado e todas as janelas foram guarnecidas nesse dia com cortinas de veludo e de damasco carmesim agalado de ouro.

As oito horas da manhã, reuniram-se em torno do Campo de Sant'Ana os primeiro e segundo regimentos de linha, bem como a tropa da guarnição com sua artilharia. O povo, desde cedo aglomerado no vasto recinto, atulhava o lado sul, ocupando todo o terreno até a varanda do palacete e aguardando com impaciência o momento da aclamação do primeiro Imperador do Brasil.

Já se havia reunido na varanda o corpo do Senado com seu novo estandarte de veludo verde em que apareciam as armas do Império. Essa bandeira cívica era carregada pelo procurador *Antônio Alves de Araújo*, junto ao qual se encontravam o presidente juiz de fora *José Clemente Pereira* e os vereadores *João Soares de Bulhões*, *José Pereira da Silva*, etc.

As dez horas chegavam com grande pompa SS. MM., numa elegante carruagem, com criados de libré verde e ouro, côres nacionais recém-adotadas.

Os dignitários, bem com todos os convidados que se encontravam nos aposentos do palacete, desceram para receber o soberano e o conduzir à varanda. S. M. I. collocou-se no centro do balcão, bem em evidência; tinha à sua esquerda o presidente e os membros do Senado da Câmara; à sua direita, um pouco mais para trás, achavam-se S. M. a Imperatriz e a pequena princesa D. Maria da Glória; viam-se em seguida os ministros e os gentis-homens da Corte. Todas as demais pessoas de destaque formavam uma segunda fila mais para trás. Esse primeiro aparecimento provocou aclamações unânimes do povo reunido no largo.

O presidente da Câmara avançou até S. M. e deu o sinal de silêncio. Restabelecendo-se a calma usou elle da palavra em nome do povo e dirigiu ao príncipe um discurso no qual, entre as expressões de respeito e de estima para com sua augusta pessoa, manifestou o desejo unânime de celebrar esse dia para sempre memorável, oferecendo-lhe, por aclamação do povo, o título de *Imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil*. S. M. assim se dignou responder: "*Accepto o título de imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil, porque, tendo ouvido meu*

Conselho de Estado e meus procuradores gerais, examinei as representações das câmaras municipais das diferentes províncias que me convenceram da vontade geral".

Logo em seguida o presidente comunicou ao povo a resposta do Imperador e deu o sinal dos diferentes *vivas*, pronunciados na seguinte ordem e repetidos com entusiasmo: "*Viva nossa santa religião; viva o senhor D. Pedro, primeiro Imperador constitucional do Brasil, e seu defensor perpétuo; viva a Imperatriz constitucional do Brasil e a dinastia de Bragança imperante no Brasil; viva a Independência do Brasil; viva a Assembléa Constituinte e legislativa do Brasil; viva o povo constitucional do Brasil*".

Impressa em folhas avulsas foi a resposta do imperador distribuída em profusão ao povo pelas pessoas que se encontravam colocadas nas extremidades da varanda e nos balcões das janelas laterais do palacete da Aclamação. O último *viva* dado pelo presidente constituiu o sinal para a tropa iniciar as três descargas e os 101 tiros de canhão, última salva militar da cerimônia da aclamação do Imperador do Brasil, no Campo de Sant'Ana.

As tropas desfilarão em seguida, afim de formar alas à passagem do cortejo, o qual atravessou a pé as ruas da cidade, passando sob os arcos de triunfo que haviam sido erguidos.

A frente do cortejo marchava a artilharia; vinham em seguida um numeroso destacamento de cavalaria, várias companhias de infantaria de linha e de milícia, bedéis e meirinhos do senado da Câmara e o procurador porta-bandeira do mesmo; os demais senadores acompanhavam em fila do lado do pátio; o Imperador, em uniforme militar, de chapéu na mão, marchava sob o pátio, cujas varas eram carregadas pelo presidente e vereadores do senado da Câmara; vinham depois os ministros, os fidalgos da Corte, os procuradores gerais das províncias e os notáveis da cidade; uma companhia de infantaria fechava a marcha, e atrás dos soldados se comprimia um séquito numeroso de povo que vinha acompanhando o cortejo desde o Campo de Sant'Ana e que, aumentando a cada passo, prolongava tumultuosamente o eco dos *vivas* que se sucediam durante o trajeto. Assim chegou o cortejo à capela; esta já estava repleta de uma multidão de patriotas brasileiros atraídos por uma religiosa gratidão. D. Pedro, conduzido somente até os primeiros degraus do côro, sentou-se pela primeira vez no trono imperial e assistiu ao *Te Deum* celebrado em ação de graças pela fundação do império do Brasil, do qual acabava de ser proclamado defensor perpétuo.

No interior da igreja cada qual se sentia como que eletrizado pela imponência da novidade. Os músicos e os cantores da capela rivalizavam entre si em talento e entusiasmo para completar o efeito do belo conjunto musical a que se haviam acrescentado alguns novos solos. Em resumo, tudo no templo parecia adquirir energia e nobreza, coisas até

então desconhecidas aos olhares dos brasileiros, os quais se retiraram comovidos a um tempo de orgulho e de esperança.

O Imperador saiu pela passagem interna, que conduzia da capela ao palácio, e dirigiu-se para a sala do trono onde se realizou o primeiro *beija mão* imperial. As fanfarras e as salvas de artilharia anunciaram o fim da recepção de gala. Um instante depois o Imperador surgiu no balcão para receber a saudação das tropas que desfilarão em continência e voltaram às suas casernas. A Corte regressou a São Cristóvão escoltada por um forte destacamento de cavalaria de São Paulo e Minas a serviço junto do Imperador. À noite houve representação de gala no teatro e brilhantes luminárias na cidade, as quais se repetiram seis noites consecutivas.

COROAÇÃO DE D. PEDRO, IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL, CELEBRADA NA CAPELA IMPERIAL A 1.º DE DEZEMBRO DE 1822

Na véspera dessa cerimônia, o cortejo civil do bando percorrera as praças e ruas da capital, afim de anunciar a cerimônia da sagração e coroação do Imperador, a realizar-se no dia seguinte, 1.º de Dezembro de 1822, na Capela Imperial. Com efeito, a 1.º de Dezembro, ao nascer do sol, as salvas de artilharia de todas as fortalezas anunciaram o dia solene em que se ia confirmar por ato religioso o título político recém-conferido a D. Pedro e à sua dinastia brasileira.

As 6 horas da manhã, os postos militares da polícia foram ocupados pelos seus soldados. O novo batalhão de cavalaria da guarda de honra dirigiu-se para São Cristóvão afim de escoltar o Imperador e sua família.

As 9 horas e meia, viu-se chegar pelo Campo de Sant'Ana o magnífico cortejo, cujo luxo igualava o que fôra exibido em Lisboa (189) por ocasião da coroação dos soberanos portugueses. O povo acompanhava com admiração essa imponente marcha triunfal que se dirigiu majestosamente, a passo, até o palácio, entre as aclamações repetidas de todos os lados, atravessando os seis arcos de triunfo erguidos à sua passagem.

(189) Conservavam-se em Lisboa as carruagens de gala da Corte de D. João V. Eram de fabricação francesa e haviam sido pintadas por Martin, em Paris. Transportadas mais tarde para o Rio de Janeiro, foram os painéis retocados por Manuel da Costa, pintor português a serviço da Corte, por ocasião da cerimônia da aclamação de D. João VI; permanecendo no Brasil, foram elas restauradas e inteiramente repintadas pelos artistas da Academia das Belas Artes, por ocasião da aclamação do Imperador D. Pedro (voltaremos ao assunto no capítulo referente às belas artes). (N. d. A.).

ORNAMENTAÇÃO DO LARGO DO PALÁCIO

As três janelas e o pórtico da capela foram guarnecidos de tapeçarias carmesins agaloadas de ouro.

O mesmo gênero de decoração enfeitava tôdas as janelas do palácio imperial. Abrira-se um caminho de tábuas, que comunicava o palácio com a capela, atravessando diagonalmente a praça que os separa e absolutamente semelhante ao já citado na cerimônia do batismo da princesa *D. Maria da Glória*.

DISTRIBUIÇÃO DA TROPA

As 8 horas da manhã o batalhão de granadeiros, ao qual cabia o lugar de honra, ocupou o espaço diante da Capela do Carmo. O segundo batalhão de caçadores colocou-se entre o palácio e a Capela Imperial. O resto da tropa formou duas brigadas; a primeira, comandada pelo marechal *Marcelo Joaquim Mendes*, compunha-se dos primeiro e terceiro batalhões de caçadores, do primeiro regimento de reserva e da brigada de artilharia montada; a segunda, comandada pelo marechal *José Maria Pinto Peixoto*, compunha-se do regimento de caçadores de São Paulo, do quarto batalhão de caçadores do Imperador, dos terceiro e quarto regimentos de infantaria de reserva e do primeiro regimento de cavalaria de linha.

MARCHA DO CORTEJO DESDE O PALÁCIO ATÉ A CAPELA

Os convidados se haviam dirigido para o palácio desde 10 horas e aí aguardavam o Imperador; permitindo-se-lhes circularem nas salas ricamente preparadas, compraziam-se em admirar a nova decoração, cujos detalhes de gosto moderno exibiam muito ouro, dominando com elegante magnificência a cor verde.

Logo após a chegada da Corte procurou-se organizar a marcha do cortejo, que deveria acompanhar o Imperador, a pé, até a Capela. Cada funcionário foi, por isso, receber instruções do mestre-sala e ocupar o lugar que lhe estava reservado. O sinal da partida foi dado às 11 horas e um quarto.

O cortejo saíu do palácio na ordem seguinte: um destacamento da guarda dos alabardeiros, com sua banda, abrindo a marcha; vinham em seguida os convidados. Estes, pessoas de nobreza e fortuna, destacavam-se brilhantemente; vinham depois o rei de armas e seus dois arautos, os homens de armas, os maceiros, os fidalgos camareiros e os oficiais da casa imperial; os procuradores gerais carregavam

as insígnias da soberania imperial, colocadas em cima de ricos taboleiros com alças para facilidade do transporte. A espada, o bastão e as luvas, colocados no mesmo taboleiro, eram carregados por SS. Eminências o vigário geral *Antônio Vieira da Soledade* e *Manuel Clemente Cavalcante de Albuquerque*, acompanhados pelos fidalgos *Manuel Jacinto Navarro de Sampaio e Melo* e *José Fortunato de Brito*. O manto imperial era levado por SS. Excias. *Manuel Ferreira*, da Câmara, e *D. Lucas José Obes*, acompanhados dos fidalgos *Antônio Maria Pereira da Cunha* e *João Inácio da Cunha*. O cetro era carregado por S. Excia. *Antônio Rodrigues Velloso de Oliveira*, acompanhado do fidalgo *Braz Carneiro Nogueira da Costa e Gama*. A coroa era carregada por S. Excia. *José Mariano de Azeredo Coutinho*, acompanhado dos fidalgos *Leonardo Pinheiro da Cunha e Vasconcelos* e *Luiz José de Carvalho e Melo*; seguia-se S. Excia. o *Barão de Santo Amaro*, mestre-sala, acompanhado pelos mestres-sala *Inácio Alves Pinto de Almeida* e *José Caetano de Andrade*.

Em seguida, vinham os oito procuradores gerais segurando as varas do pátio; a primeira do lado direito segurava-a S. Excia. *Manuel Martins do Couto Reis*; a segunda, *Vieira de Matos*; a terceira, *Francisco Gomes Brandão Montezuma*; e a quarta *José de Souza e Melo*. Do lado esquerdo caminhavam SS. Excias. *Estevão Ribeiro de Rezende*, segurando a primeira vara; *José Antônio dos Santos Xavier*, a segunda; *João de Bittencourt Pereira Machado*, a terceira e *José Francisco de Andrade Almeida Mogiordim*, a quarta.

Sob o pátio, S. M. I. D. Pedro, de uniforme militar, marchava de cabeça descoberta.

A direita, um pouco adiante do pátio, caminhava S. Excia. o conde de *Palma*, carregando a espada desembainhada de condestável e logo em seguida S. Excia. *José Bonifácio de Andrada e Silva*, mordomo-mor; acompanhavam-no S. Excia. *D. Francisco da Costa de Macedo*, camareiro-mor e S. Excia. *João José de Andrade*, capitão da guarda.

Do lado esquerdo, perto do pátio, achava-se S. Excia. o *barão de São João Marcos*, camareiro de S. M. nas funções de camareiro-mor e S. Excia. *Luiz de Saldanha da Gama*, como reposteiro-mor. Atrás do pátio vinha o corpo do senado da Câmara do Rio de Janeiro.

Duas filas de alabardeiros abriam alas ao cortejo e um destacamento de guardas fechava a marcha.

O clero da Capela Imperial, com grande pompa, aguardava sob o pórtico da igreja, juntamente com S. E. o bispo capelão-mor, assistido por SS. EE. os bispos de *Mariana* e de *Kerman*. Recebida pontificalmente, S. M., após a bênção, foi conduzida em procissão à igreja, parando na capela do Santíssimo Sacramento.

... Era o representante de ...

DESCRIÇÃO DO INTERIOR DA IGREJA

De cada lado da nave colocara-se uma dupla fila de compridos bancos para os convidados; a fila mais próxima do centro, à direita, devia ser ocupada pelo senado do Rio de Janeiro; a da esquerda estava reservada aos ministros e personagens da Corte não obrigados a figurar junto do trono durante a cerimônia; colocavam-se em seguida os procuradores gerais das províncias e todos os convidados que haviam participado do cortejo.

As tribunas do lado direito da nave estavam ocupadas por damas da Corte e as da esquerda pelas senhoras dos grandes dignitários e demais convidados. As tribunas do côro estavam reservadas como de costume ao corpo diplomático e aos oficiais de serviço junto da Imperatriz, cuja tribuna se achava colocada mais baixo, dentro do côro, à direita e em frente do trono.

O trono, colocado no côro, à mesma altura do do bispo, ocupava o centro do lado esquerdo; o envasamento constituía-se de um estrado grande, com três degraus para um estrado menor, sobre o qual assentava a poltrona imperial. O baldaquim, e as demais partes eram cobertos de veludo vermelho com galões e franjas de ouro.

CERIMÔNIA DA SAGRAÇÃO E DA COROAÇÃO

Depois de uma curta oração na capela do Santíssimo Sacramento, o cortejo conduziu o Imperador até o primeiro degrau do altar-mor; aí parou S.M.I. escoltado à direita pelo condestável, pelo mordomo-mor e pelo primeiro oficial da casa imperial e tendo à esquerda seu camareiro-mor, seu reposteiro-mor, os ministros do interior e da justiça e o capitão da guarda. O mestre-sala se mantinha na frente. O Imperador, cercado pelos bispos, permaneceu de pé durante o começo das preces; trouxeram-lhe em seguida uma poltrona e ele sentou-se para ouvir as palavras do bispo que começavam assim: *Cum hodie, etc.* Terminada a oração, S.M. ajoelhou-se e colocando as duas mãos sobre o missal prestou o juramento cuja fórmula era lida pelo ministro, ajoelhado à esquerda do Imperador. O oficiante disse mais uma prece e S. M. se ergueu e, acompanhado do seu cortejo, passou para o cubículo preparado atrás do altar-mor afim de envergar a vestimenta destinada à cerimônia da unção.

S.M. voltou depois para o côro e, prosternado ao pé do altar, recebeu a unção com a cerimônia habitual. Terminada essa primeira formalidade voltou para o vestiário, donde safu desta feita coberto com o manto imperial. Depois das saudações de rigor voltou a sentar-se no trono de onde assistiu ao ofício até o penúltimo versículo do *gradual*;

nesse momento o mestre-sala veio buscá-lo e o conduziu ao pé do altar-mor, onde ele recebeu das mãos do bispo a espada, a coroa e o cetro.

Revestido de todas as insígnias imperiais, D. Pedro voltou solenemente ao trono, acompanhado pelo bispo oficiante à sua direita e pelo da Mariana à esquerda; assim entronizado, o Imperador permaneceu de pé enquanto se cantou o *Te Deum*; sentou-se depois, e, pela primeira vez, ocupou o trono imperial do Brasil, com o coroa à cabeça e o cetro à mão.

Foi o celebre orador padre Francisco de Sampaio que pronunciou o sermão, e basta essa indicação para se ter uma idéia da eloquência da oração.

Depois do ofício religioso, o primeiro oficial da casa imperial veio colocar ao pé do trono um tamborete com o missal aberto; o ministro da justiça, de pé sobre o estrado do trono, voltando-se para o povo leu em voz alta a fórmula do juramento que S.M.I. iria prestar, o que foi em latim. Eis a tradução: "*Eu Pedro I, Imperador do Brasil pela graça do Deus e vontade unânime do povo, juro observar e manter a religião católica apostólica romana, juro observar e fazer observarem constitucionalmente as leis do império; juro defender com todas as minhas forças a conservação de sua integridade e juro-o sobre os santos evangelhos.*"

Tendo o Imperador prestado o juramento, o alferes-mor porta-bandeira imperial, precedido de um cortejo composto de uma vanguarda de alabardeiros do rei de armas e seus dois arautos, dos homens de armas e dos maceiros, foi conduzido até a tribuna erguida exteriormente, perto de uma das portas da Capela Imperial, afim de fazer a proclamação pública da coroação do Imperador, cujas formalidades são as seguintes: após as advertências habituais, feitas pelo rei de armas, o porta-estandarte desfraldando a bandeira para a continência militar pronuncia as seguintes palavras em voz alta: "*O muito augusto Imperador Pedro, primeiro imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil está coroado e entronizado; viva o Imperador.*" A essas palavras responderam as salvas de artilharia dos fortes e da marinha, as descargas de mosquetões das tropas reunidas no largo do Palácio, os sinos das igrejas e as estrondosas aclamações do povo atulhado diante da Capela Imperial.

O cortejo voltou e introduziram-se no recinto do côro os procuradores gerais das províncias, o senado da Câmara do Rio de Janeiro e os representantes dos demais portos, organizando-se uma fila para passar diante do trono e cada um, de joelhos, com a mão colocada sobre o missal, prestava o juramento, cuja fórmula era lida pelo ministro da justiça que se achava colocado sobre o estrado do trono. Eis as palavras que eram pronunciadas em voz alta: "*Em nome do povo que revivamos, juramos observar e manter nossa santa religião católica apostólica romana; juramos obediência às leis; juramos obediência ao nosso legítimo Imperador constitucional; defensor do império do Bra-*

sil, Pedro I, reconhecendo com os mesmos títulos seus sucessores da dinastia brasileira, de acôrdo com as leis que serão estabelecidas pela constituição do Império".

Todos pronunciavam unicamente *juro-o* e se retiravam saudando o Imperador. Terminado o juramento, o cortejo imperial pôs-se novamente em marcha para voltar ao palácio na mesma ordem. Em seguida, trazido a rigor, D. Pedro atravessou o largo em meio às aclamações do povo que se precipitava de todos os lados para contemplar o seu novo Imperador.

ASSINATURAS DAS ATAS DE JURAMENTO

As cinco horas e meia o Imperador, chegando à sala do trono, nêle tomou assento cercado de todo o brilho de sua Côrte. O mestre-sala introduziu os membros dos senado da Câmara do Rio de Janeiro, que se mantiveram perto do trono enquanto o ministro da justiça fez leitura da ata do juramento prestado pelo Imperador; após a formalidade foi a ata apresentada a S.M. que a assinou no mesmo instante.

Em seguida, o presidente do Senado da Câmara procedeu êle próprio à leitura da fórmula de seu juramento e passou logo depois para a sala do dossel afim de assinar a ata e apresentá-la aos membros presentes para a assinatura. Depois dêsses compromissos recíprocos e autênticos, iniciou-se a cerimônia do beija-mão, cujo fim foi anunciado no vestibulo do palácio pela reunião de tôdas as bandas militares executando o hino nacional brasileiro.

O Imperador e os grandes da Côrte apareceram nos balcões e as brigadas reunidas desfilaram em ordem diante de SS. MM. II.

O povo atraído pela curiosidade e pela admiração comprimia-se em tôrno das magnificas carruagens da Côrte, que tinham vindo se colocar diante da principal porta do palácio, em frente da qual se reunira o elegante batalhão de cavalaria da guarda de honra, cujos capacetes inteiramente dourados e encimados por penachos vermelhos acrescentavam mais uma novidade ao luxo da Côrte imperial.

Ao sinal de partida, o longo cortejo resplandecente avançou lentamente através da multidão, tornando a passar sob os diferentes arcos de triunfo e atravessando a cidade entre vivas e saudações que lhe davam ainda aspecto mais majestoso.

A Côrte retornou a São Cristóvão e só voltou ao Rio de Janeiro à noite, para apreciar as luminárias e assistir à representação de gala que fôra preparada no teatro. As festas noturnas repetiram-se durante seis noites consecutivas. Os detalhes dos arcos de triunfo se encontram na explicação das pranchas.

SEGUNDO CASAMENTO DE D. PEDRO, PRIMEIRO IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRASIL, COM UMA PRINCESA DA BAVIERA

A jovem princesa *Amélia de Leuchtenberg*, nascida em Milão a 31 de julho de 1812, era filha do príncipe *Eugênio de Beauharnais*, então vice-rei da Itália que, após a abdicação de Napoleão, se retirara para a Baviera. Tornara-se nessa época príncipe de Leuchtenberg, morrendo em Munich muitos anos antes do casamento de sua filha.

Foi nessa capital que a jovem princesa Amélia de Leuchtenberg recebeu o título de *Imperatriz do Brasil*, por ato assinado diplomaticamente a 2 de Agosto de 1829. Chegou ao Rio de Janeiro, em companhia do marquês de Barbacena, a 28 de Outubro do mesmo ano, com o jovem príncipe de Leuchtenberg, seu irmão, a jovem rainha de Portugal, e a *marquesa de Olei (?)*, irmã do imperador, bem como algumas pessoas de sua intimidade.

O segundo casamento de D. Pedro veio reavivar no Rio de Janeiro a gloriosa recordação das festas da aclamação de D. João VI e da chegada da arquiduquesa austríaca *Maria Leopoldina José Carolina* que, nove anos antes, ao falecer, deixara saudades em todos os seus súditos e inconsoláveis os que haviam tido a felicidade de conhecê-la de mais perto.

Entretanto o imperador, ainda na flor da idade, já com uma família numerosa e com educação dos filhos apenas em início, desejava ardentemente um novo casamento que trouxesse para os príncipes uma nova mãe e para o Brasil uma jovem Imperatriz cujas qualidades pessoais deveriam ornar o trono imperial. Os cortesãos, compartilhando a esperança, atarefavam-se diáriamente em imaginar e propor algumas surpresas agradáveis; falaram em cunhar uma medalha e em outros projetos muito diferentes; o tempo corria e a indecisão aumentava ainda a dificuldade da execução; finalmente o que prevaleceu foi a idéia de criar-se *uma nova ordem da rosa*.

Os progressos sempre crescentes da civilização brasileira serviram então os desejos de D. Pedro, permitindo que se desse aos aposentos imperiais tôda a elegância de detalhes que encantam nos hábitos europeus.

O comércio também participou ativamente das demonstrações de alegria pública; os negociantes brasileiros, ingleses, franceses e alemães, bem como os militares da guarda de honra, da marinha e do exército contribuíram com uma subscrição para erguer, principalmente nas praças públicas, monumentos de muito bom gosto, cuja iluminação engenhosa atraía a atenção durante as seis noites consecutivas de festejos variados. Voltarei ao assunto ao analisar os detalhes dos monumentos mais importantes dessas últimas festas.